

***Gramaticalização do verbo PEGAR  
em construções perifrásticas  
[PEGAR + (E) + V2] – uma abordagem  
formal***

Grammaticalization of the verb “PEGAR”  
in periphrastic constructions [PEGAR + (E) + V2]  
– a formal approach

Christiane Miranda Buthers de Almeida  
**Universidade Federal de Minas Gerais**  
Maria José de Oliveira  
**Universidade Federal de Minas Gerais**

**Abstract**

The purpose of this study is to assess, in light of the theoretical formalism, the grammaticalization process which involves the verb “pegar” in periphrastic constructions [PEGAR + (e) + V2]. In this analytical context, the verb “pegar” does not denote the most prototypical sense of “holding”, but it seems to denote aspectual features. In reaching this conclusion, we found traces present in the transitive verb “pegar” in its various meanings and we relate these traces with changes in the behavior of the verb such as the morphosyntactic and semantic features. In the description and analysis of events formed by [PEGAR + (e) + V2], we map clues that allowed us to analyze the occurrences of the verb “pegar” behaving as an auxiliary verb.

**Keywords**

Grammaticalization, The verb “PEGAR”, Auxiliary, Periphrasis, Generative theory.

## Resumo

A proposta deste trabalho é verificar, sob a luz do quadro teórico formalista, o processo de gramaticalização que envolve o verbo “pegar”, nas construções perifrásticas [PEGAR+(e)+V2]. Neste contexto de análise, o verbo “pegar” não denota mais o sentido prototípico de “segurar”, mas parece denotar características aspectuais. Para chegar a essa constatação, verificamos os traços de transitividade presentes no verbo “pegar” em suas diversas acepções e relacionamos tais traços com as alterações no comportamento do verbo quanto a características semânticas e morfossintáticas. Na descrição e na análise das ocorrências formadas por [PEGAR+ (e) + V2], mapeamos pistas que nos permitiram analisar as ocorrências do verbo “pegar” comportando-se como verbo auxiliar.

## Palavras-chave

Gramaticalização, Verbo “pegar”, Auxiliaridade, Perífrase, Teoria gerativa.

## Introdução

**É** muito comum, na oralidade, encontrarmos construções em que o verbo PEGAR parece ter comportamento de um auxiliar, como: “*Aí ela **pegou e falou** pra ele que não ia mais...*”; “*Ele **pegou e começou** a falar rápido*”; “*Os meninos **pegaram cantar** uma música pra professora*”; “*Aí ele **pega e escreve** o bilhete pra ela...*”, “*Aí eu **peguei e falei** assim...*”; “*Ele **pegou falou** assim...*”; entre outros. Nestes contextos de uso, PEGAR não apresenta mais o sentido prototípico de “segurar”. Este comportamento do verbo nos levou a formular a hipótese de que PEGAR pode estar perpassando por um processo de gramaticalização.

Com base no exposto, a proposta deste trabalho é verificar, sob a luz do quadro teórico formalista, se há gramaticalização envolvendo o verbo “pegar”, em construções do tipo [PEGAR+(e)+V2]; e, se há, em que nível este processo se encontra.

Para tanto, norteamos nosso trabalho no quadro teórico de Hopper e Thompson (1980), Hopper e Traugott (1993) e Heine (1993). Embasamo-nos, também, nos pressupostos da teoria gerativa, pois, segundo Vitral e Ramos (2006, p.22), “a teoria gerativa (...) dispõe de meios para explicitar o comportamento sintático dos itens (...) e ainda oferece uma justificativa teórica desse comportamento”. Obviamente, uma investigação diacrônica é indispensável, a fim de examinar propriedades e/ou condicionamentos envolvidos no processo de gramaticalização de “pegar”, nos diferentes usos deste item no decorrer do tempo. A partir disso, verificamos os traços de transitividade presentes em PEGAR em suas diversas acepções e relacionamos tais traços com as alterações no seu comportamento quanto a características semânticas e morfossintáticas. Para a análise da transitividade, baseamo-nos em Hopper e Thompson (1980). Segundo estes autores, há dez traços que permitem verificar a transitividade verbal, quais sejam: (i) participantes; (ii) cinese; (iii) aspecto; (iv) pontualidade; (v) volicionalidade; (vi) afirmação; (vii) modalidade; (viii) agentividade; (ix) afetação do objeto; e (x) individualização do objeto.

Na descrição e na análise das ocorrências formadas por [PEGAR+ (e) + V2], mapeamos pistas que nos permitem analisar as ocorrências de PEGAR comportando-se como verbo quase-auxiliar e apresentando traços aspectuais. Para a efetivação deste trabalho, foram escolhidos textos escritos pertencentes ao gênero narrativo, haja vista a proximidade deste com gêneros da oralidade. Os *corpora* analisados são formados de doze textos, sendo três pertencentes ao século XIX, quatro ao século XX e cinco ao século XXI. Além desses dados de língua escrita, foram analisados também dados de língua oral, retirados de um *corpus* formado por dados provenientes da cidade de Matipó (MG).

Este artigo organiza-se da seguinte maneira: a seção 1 trata dos pressupostos teóricos e subdivide-se em duas subseções, a saber: em 1.1, definimos “gramaticalização” e apresentamos seus estágios; em 1.2, investigamos o percurso de um verbo pleno a auxiliar. Na seção 2, refletimos acerca da possível gramaticalização de PEGAR. Essa seção subdivide-se em duas subseções, que tratam, respectivamente, das evidências encontradas nos dados de língua escrita e oral, em 2.1; e da distinção entre perífrases e construções coordenadas, em 2.2. A seção 3 aborda especificamente a construção [PEGAR + (E) + V2], e é dividida em duas subseções, sendo a primeira (3.1) reservada à análise das perífrases encontradas nos *corpora* investigados; e, na segunda (3.2), é investigado o estatuto do verbo PEGAR nessas perífrases. Na seção 4, são apresentadas nossas considerações preliminares.

## 1 Pressupostos teóricos

### 1.1 Definição e estágios de gramaticalização

A gramaticalização é o processo pelo qual determinadas construções linguísticas que ocupam categorias lexicais passam a ter um comportamento gramatical, ou já se apresentam com características gramaticais, mas passam a funcionar de forma ainda mais gramaticalizada. Segundo Hopper e Traugott (1993, p.18), “gramaticalização é o estudo de formas gramaticais, contudo definidas, vistas como entidades passando por processos, ao contrário de objetos estáticos”.<sup>1</sup> Para Martelotta, Votre e Cazario (1996, p.46), a gramaticalização “é um processo em cujo final o elemento linguístico tende a se tornar mais regular e mais previsível, pois sai do nível da criatividade eventual do discurso para

penetrar nas restrições da gramática”. Ocorre quando um item lexical passa a assumir, em certas circunstâncias, um novo estatuto como item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, podendo mudar de categoria sintática, receber propriedades funcionais na sentença, sofrer alterações semânticas e fonológicas, deixar de ser uma forma livre e até desaparecer como consequência de uma cristalização extrema.

Proceder a um trabalho que se caracterize como análise sob a perspectiva da gramaticalização impinge considerar o processo como pertencente a um ciclo. As mudanças por que passam as construções linguísticas dão-se em etapas, ou seja, caminham ao longo de um percurso através do qual cada mudança se localiza em determinado estágio de transição.

Para ilustrar esse processo, segue a representação abaixo (HOPPER e TRAUGOTT, 1993):

Item lexical > palavra gramatical > clítico > afixo flexional
---

Num primeiro estágio, um item passa a esvaziar seu conteúdo lexical, a ponto de assumir características de natureza gramatical. Em seguida, se houver a continuação da evolução do processo, ele passa por uma transformação formal, assumindo um comportamento típico de um clítico, para, finalmente, afixar-se a outro item, e, como uma última etapa, caminhar, talvez, para o seu desaparecimento. Se o item chegar a esse último estágio, possivelmente a língua captará outro recurso para sua representação.

Como o foco deste estudo é a análise do processo de gramaticalização que envolve o verbo PEGAR, que passa a se comportar como verbo auxiliar em perífrases verbais do tipo [PEGAR + (E) + V2], é pertinente verificar como ocorre a mudança de um verbo “pleno” a um verbo “auxiliar”. Esse é o assunto da próxima seção.

## 1.2 De verbo pleno a verbo auxiliar

Os verbos plenos (ou lexicais) são sintaticamente independentes e selecionam categórica e semanticamente seu(s) argumento(s) (cf. MIOTTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 1999). Verbos plenos pertencem às categorias “de conteúdo lexical”. Já os auxiliares são verbos que funcionam, sintaticamente, conectados a um verbo principal, pleno, formando, com ele, uma locução verbal

(perífrase). São considerados como categorias que perderam conteúdo lexical, sendo responsáveis por denotar traços morfossintáticos da oração, tais como tempo, aspecto, modo e voz. Segundo alguns autores que trabalham com a perspectiva da gramaticalização, o verbo auxiliar é o resultado deste processo, que envolve determinados verbos lexicais (cf. WACHOWICZ, 2006, p. 4).

Em consonância com Heine (1993), os verbos auxiliares exibem determinadas propriedades. Dentre elas, destacamos as seguintes: (i) auxiliares tendem a apresentar expressões de uma pequena gama de domínios nocionais, especialmente para os domínios de tempo, aspecto e modalidade; (ii) expressam funções gramaticais, mas exibem, pelo menos em certa medida, uma morfossintaxe verbal; (iii) tipicamente, eles podem associar-se apenas com um espectro restrito de distinções de tempo e aspecto e/ou flexões verbais, não podem ser passivizados, não têm formas de imperativo, e alguns autores têm apontado que auxiliares não podem ser independentemente negados; (iv) eles tendem a ser não acentuados ou incapazes de receber força contrastiva; (v) tendem a ser cliticizáveis ou, necessariamente, clíticos; (vi) carregam toda a informação semântica relacionada ao predicado, tais como as distinções de marca de pessoa, número, tempo/aspecto/modalidade, negação, etc.; (vii) a concordância de sujeito também tende a ser marcada sobre o auxiliar, melhor que sobre o verbo principal; (viii) não têm um significado em si mesmo, ou não contribuem com o significado da sentença, pois preservam o estatuto categorial do verbo principal; (ix) tendem a ocorrer em uma ordem fixa e em uma posição fixa na frase; (x) nenhuma língua com uma ordem básica de palavras SVO ou VSO, ou com ordem livre de palavras, tem seus auxiliares em posição final na frase; (xi) na presença de um auxiliar, o verbo principal é geralmente usado em uma forma não finita (p. 22-24).

O processo que envolve a gramaticalização de verbos lexicais pode ser assim descrito: verbo pleno > verbo auxiliar > clítico > afixo > zero. Não é necessariamente verdade que todo verbo pleno passe por todos os estágios desse processo, chegando ao estatuto gramatical de clítico ou afixo. Um verbo pode, por exemplo, gramaticalizar-se de pleno a auxiliar e assim permanecer. A transição de um item lexical a gramatical, ou de gramatical a mais gramatical lhe acarretará comportamento linguístico diferente, que, segundo Heine (1993, p.54), pode referir-se a mudanças semânticas (dessemantização), morfossintáticas (de categorialização), morfofonológicas (cliticização) e fonéticas (erosão).

Conforme o autor, a dessemantização refere-se a um “desbotamento semântico”, ou seja, é “um processo no qual, em contextos específicos, um item lexical é esvaziado de seus valores lexicais e adquire uma função gramatical” (p.54).<sup>2</sup> Na transição de verbo pleno a auxiliar, seus conteúdos concretos tendem a ser empregados em expressões de conceitos gramaticais. Na decategorialização, as “formas (...) tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e os privilégios sintáticos característicos das categorias plenas”.<sup>3</sup> Em outras palavras, saem de categorias primárias e passam a secundárias. A cliticização refere-se ao efeito de o verbo se tornar um apêndice morfofonológico do complemento/verbo principal. Na erosão, há uma mudança de ordem fonética no verbo, que perde sua habilidade de carregar distinção de tom ou força (cf. p.56). Heine (1993) postula que há sete estágios que o verbo lexical pode perpassar no processo de gramaticalização, conforme ilustrados na figura a seguir:

Estágios	A	B	C	D	E	F	G
Dessemantização	X	X	X				
Decategorialização	X		X	X	X	X	
Cliticização	X				X		X
Erosão	X				X		X

FIGURA 1 - Correlações possíveis entre os tipos diferentes de mudanças ao longo da cadeia Verbo Lexical - Verbo Auxiliar (HEINE, 1993, p. 58).

Conforme Heine (1993, p.65), com relação aos sete estágios, as seguintes correspondências podem ser estabelecidas: nos estágios A e B, os verbos se referem aos lexemas de verbos plenos; no estágio C, como quase-auxiliares ou semiauxiliares; nos estágios D e E são mais fortemente associados à noção de auxiliar; no F como auxiliar ou afixo; e no estágio G, como afixos ou flexões.

As correlações demonstradas na figura acima são importantes para a análise da gramaticalização que envolve o verbo lexical PEGAR. A próxima seção apresenta os diagnósticos que permitem testar nossa hipótese inicial de que o verbo PEGAR tende a funcionar como auxiliar em construções perifrásticas do tipo [PEGAR + (e) + V2].

## 2 Gramaticalização do verbo PEGAR

O verbo PEGAR pode ser encontrado com acepções diversificadas, algumas com sentidos mais concretos, outras com sentidos mais abstratos. Percebe-se que, além de alterações de ordem semântica, tais verbos começam a apresentar também um comportamento morfossintático diferente. Dados de língua escrita e oral confirmam essas ocorrências, o que nos autoriza a dizer que o verbo PEGAR está passando por um processo de gramaticalização. Esta seção subdivide-se em duas subseções: na subseção 2.1, apresentamos diagnósticos semânticos e morfossintáticos que sustentam a hipótese da gramaticalização de PEGAR; em 2.2, discutimos o estatuto da perífrase [PEGAR + (e) + V2] em confronto com construções coordenadas.

### 2.1 As evidências em dados de língua escrita e oral

Nos dados analisados, foram encontradas ocorrências do verbo PEGAR com acepções diversas, como “segurar”, “contrair”, “compreender”, “comprometer-se”, “fixar-se”, “estar contíguo a”, etc., conforme os exemplos elencados abaixo:

- (1) “**Pegou** um lápis e um papel e desenhou um retângulo”.  
(*O Mistério da Casa Verde*, p.7) – segurar
- (2) “(...) Bem que o doutor quando **pegou** a febre e estava variando disse (...)” (*Sarapalha*) – contrair
- (3) “(...) depois vortei de novo pra aprendê de novo... aí até eu **pegá**...”  
(*Corpus de Fala de Matipó*) – compreender
- (4) “(...) pá evitá **pegá** sirviço de roça do zoto...” (*Corpus de Fala de Matipó*) – comprometer-se
- (5) “Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal **pegou**.” (*Dom Casmurro*, p.1) – fixar-se
- (6) “As vacas vinham abrigar-se junto à parede da casa, **pegada** ao curral, a chuva fustigava-as, os chocalhos batiam.” (*Vidas Secas*, p. 36) – estar contíguo a

A vasta gama de sentidos de PEGAR, com usos que parecem cada vez mais abstratos, motivou-nos à realização de testes para verificar os graus de transitividade desse verbo. De acordo com Hopper e Thompson (1980, p.251),



“a transitividade é uma relação crucial na língua, tendo um número de consequências previsíveis universalmente na gramática”.<sup>4</sup> Para os autores, há dez parâmetros/traços, que podem ser manifestados semântica ou morfossintaticamente, e funcionam como codificadores de transitividade numa dada língua, conforme representado abaixo:

QUADRO 1  
Componentes de transitividade (cf. HOPPER; THOMPSON, 1980, p. 252)

COMPONENTES	ALTA	BAIXA
A. Participantes	2 ou mais participantes, A e O <sup>1</sup>	1 participante
B. Cinese	Ação	Não ação
C. Aspecto	Télico	Atélico
D. Pontualidade	Pontual	Não pontual
E. Volicionalidade	Volicional	Não volicional
F. Afirmação	Afirmativa	Negativa
G. Modalidade	Real	Irreal
H. Agentividade	A alto em potência	A baixo em potência
I. Afetação de O	O totalmente afetado	O não afetado
J. Individualização de O	O altamente individualizado	O não individualizado

A transitividade de uma oração será considerada alta ou baixa, dependendo do número de traços. Quanto mais componentes apresentando traços positivos uma sentença tiver, mais alta a sua transitividade e maior a composicionalidade semântica e morfossintática do verbo; e quanto menor o número de traços positivos, menos conteúdo semântico e morfossintático o verbo apresenta, o que pode ser indício de que ele esteja perpassando pelo processo de gramaticalização.

Apresentamos, a seguir, um demonstrativo da transitividade de orações com o verbo PEGAR em diferentes acepções:

TABELA 1  
 Demonstrativos de traços de transitividade de acordo  
 com as acepções do verbo PEGAR simples nos dados de língua oral e escrita

Acepções do verbo	Part	Cin	Asp	Pont	Vol	Afirm	Mod	Ag	AfO	IndO	Total
1. segurar	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	10
2. instalar (veic.)	+	+	+	+	+	+	+	+	-	+	09
3. encontrar	+	+	+	+	-	+	+	+	-	+	08
4. tomar	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	08
5. empunhar	+	+	-	-	+	+	+	+	+	-	07
6. suprender	+	+	-	-	+	+	-	+	+	+	07
7. alcançar	+	+	+	+	-	+	+	-	-	-	06
8. valer-se de	+	-	-	-	+	+	-	+	-	+	05
9. perceber	+	-	-	-	-	+	-	+	+	+	05
10. seguir	+	+	-	-	+	-	-	+	-	+	05
11. dormir	-	-	+	+	-	+	+	-	-	-	04
12. iniciar	-	-	+	+	-	+	+	-	-	-	04
13. fixar-se	-	-	+	+	-	+	+	-	-	-	04
14. ser alvo de	+	-	-	+	-	+	+	-	-	-	04
15. contíguo a	+	-	-	-	-	+	+	-	-	-	03

Para a interpretação dos traços apresentados nas orações, baseamo-nos na estratégia utilizada por Alcântara (2009), que considerou sentenças com alta transitividade aquelas contendo de 6 a 10 traços; até 5 traços são sentenças de baixa transitividade.

A seguir, exemplificamos com algumas das orações encontradas nos dados que contêm o verbo PEGAR com as acepções retratadas na tabela 1:

- (7) (...) “ê **pegô** uma pedra e jogô... ela saiu fora (...)” (*Corpus de Fala de Matipó*) – segurar
- (8) “(...) **pegô** um carro e de repente chegô aqui...” (*Corpus de Fala de Matipó*) – instalar
- (9) “Alô, Eduardo? Bom que **peguei** você em casa.” (*O Mistério da Casa Verde*, p. 27) – encontrar
- (10) “Capitu chamava-me às vezes bonito, mocetão, uma flor - outras **pegava-me** nas mãos para contar-me os dedos.” (*Dom Casmurro*, p.9) – tomar
- (11) “(...) outro, não aceita emprego nenhum do atual governo, e espera a ocasião de “**pegar** numa espingarda e fuzilar as velhas instituições de seu miserando país.” (*Casa de Pensão*) – empunhar

- (12) “Na certa Beto teme que nos **peguem** em flagrante, aos beijos, descubram que estamos namorando...” (*Crônica de uma namorada*, p.54) – surpreender
- (13) “(...) ocê entra até a água **pegá** na sua cintura...” (*Corpus de Fala de Matipó*) – alcançar
- (14) “Tendo-lhe nascido morto o primeiro filho, minha mãe **pegou**-se com Deus para que o segundo vingasse, prometendo, se fosse varão, metê-lo na Igreja.” (*Dom Casmurro*, p.8) – valer-se de
- (15) “Pois sejamos felizes de uma vez, antes que o leitor **pegue** em si, morto de esperar, e vá espaiar-se a outra parte; casemo-nos.” (*Dom Casmurro*, p.76) – perceber
- (16) “(...) e “os outros” são os raros viajantes que passam lá embaixo, porque não quiseram ou não puderam dar volta para **pegar** a ponte nova, e atalham pelo vau.” (*Sarapalha*) – seguir
- (17) “Amâncio serenou de todo com algumas gotas de amoníaco em um copo d’água, e afinal **pegou** no sono profundamente.” (*Casa de Pensão*, p.29) – dormir
- (18) “(...) **pegava** seis e largava as seis (...)”. (*Corpus de Fala de Matipó*) – iniciar
- (19) “O apelido **pegou**, pegou de tal maneira que até nós, Jorge e eu, passamos a chamá-lo de Mané Pato e Mané Pato ficou sendo até o último dia de sua vida.” (*O Mistério da Casa Verde*) – fixar-se
- (20) “(...) se **pegasse** na nuca de um... de um que tivesse na frente cá...” (*Corpus de Fala de Matipó*) – ser alvo de
- (21) “O pescoço sai de uma gravata preta de muitas voltas, a cara é toda rapada, salvo um trechozinho **pegado** às orelhas.” (*Dom Casmurro*, p.6) – contíguo a

Com base no teste de transitividade demonstrado acima, foi possível verificar a frequência de ocorrências do verbo PEGAR nos *corpora* de língua escrita e língua oral segundo o grau de prototipicidade. Consideramos mais prototípico o verbo PEGAR cujas acepções encontram-se num nível mais alto de transitividade, isto é, com seis ou mais traços positivos.

A tabela 2 demonstra os resultados obtidos com o verbo PEGAR, de acordo com o nível de prototipicidade, nas narrativas que compõem os *corpora* de língua escrita.

TABELA 2  
 Frequência do verbo PEGAR lexical prototípico e lexical  
 com acepções diversas nos dados de língua escrita

Textos	Lexical Prototípico	Acepções Diversas	Total
“A moreninha” (1844)	03	00	03
“Lucíola” (1862)	01	00	01
“Dom Casmurro” (1899)	32	19	51
“Vidas Secas” (1939)	03	07	10
“Casa de Pensão” (1944)	01	06	07
“Sarapalha” (1956)	02	04	06
“A terceira margem do rio” (1962)	02	01	03
“As mentiras que os homens contam (2000)	13	11	24
“Comédias para se ler na escola” (2000)	04	04	08
“Droga de Americana” (2001)	12	06	18
“O mistério da Casa Verde” (2003)	05	03	08
“O opositor” (2004)	04	06	10
TOTAL GERAL	82	67	149

Um fato que nos chamou à atenção foi que, nas duas primeiras narrativas analisadas – “A Moreninha” e “Lucíola” –, encontramos apenas quatro ocorrências de PEGAR, todas elas com o sentido de “segurar”, sendo este o sentido mais prototípico do verbo, carregando todos os traços de transitividade. Já em “Dom Casmurro”, uma obra que mantém características estilísticas próximas às duas primeiras, com um intervalo de poucas décadas do período de publicação entre elas, o número de ocorrências aumentou significativamente, inclusive em relação à diversidade de acepções do verbo. Com tamanha disseminação de ocorrências, parece ser este o período em que o verbo se estabilizou tanto como verbo lexical prototípico quanto tendendo à gramaticalização.

Na sequência, temos um panorama da evolução do item, ainda segundo suas acepções, de acordo com o intervalo de tempo do século XIX ao século XXI.

**TABELA 3**  
 Frequência do verbo PEGAR lexical prototípico e lexical com acepções diversas segundo traços de transitividade nos dados de língua escrita, por século

Séculos	Lexical Prototípico	Perc.	Acepções Diversas	Perc.	Total
Século XIX	36	65,5%	19	34,5%	55
Século XX	08	30,8%	18	69,2%	26
Século XXI	38	55,9%	30	44,1%	68
TOTAL GERAL	82	55%	67	45%	149

Como delineado na tabela, o uso do verbo PEGAR com acepções diversas apresentou-se com um acréscimo de 34,7% de ocorrências do século XIX para o século XX, ou seja, o número de ocorrências dobrou de um século a outro. Já do século XX ao século XXI, houve um decréscimo de 25,1%, porém a frequência permaneceu 9,6% acima que no primeiro período de tempo analisado. Esse resultado evidencia, adicionalmente, as mudanças semânticas e morfossintáticas sofridas pelo verbo.

Os dados de língua oral também foram submetidos a escrutínio. Todavia, foi considerado apenas um período de tempo, o contemporâneo. Os resultados são os que seguem:

**TABELA 4**  
 Frequência do verbo PEGAR lexical prototípico e lexical com acepções diversas segundo traços de transitividade nos dados de língua oral

Tipo de verbo	Ocorrências	Percentual
Lexical prototípico	61	66,3%
Acepções diversas	31	33,7%
TOTAL GERAL	92	100%

Nessa modalidade da língua, a ocorrência total do verbo PEGAR é substancialmente superior à frequência nos dados de língua escrita. Segundo Sigiliano (2008, p.3), analisando o mesmo verbo frente à conexão de cláusulas, a alta ocorrência do verbo demonstra a produtividade e a relevância de ‘pegar’ que se faz presente em diversos contextos semânticos e situação de fala. Para a análise em questão, consideramos apenas o verbo lexical simples, não computando seu uso em locuções verbais. Do total de 92 ocorrências, 31

correspondem ao uso do verbo com acepções diversas, configurando 33,7% de frequência. É importante salientar que, se a esse resultado fosse acrescido o número de ocorrências em que PEGAR aparece fazendo parte de uma locução verbal<sup>5</sup>, como em “(...) *aí ela **pegô** e falô pra mim assim (...)*”,<sup>6</sup> a frequência suplantaria as 61 ocorrências do verbo lexical prototípico.

Com base na análise apresentada até o momento, constata-se que, de fato, o verbo lexical PEGAR pode ser compreendido como um item percorrendo os estágios da gramaticalização. Enquanto verbo pleno (lexical), no sentido prototípico de “segurar”, percebe-se que ele, em geral, seleciona dois argumentos, sendo o SN sujeito agente, animado, com volição, cuja ação é transferida totalmente para o SN objeto (paciente):

(22) Ele **pegou** o livro.

Figurando em outros contextos, observamos alterações de ordem **semântica** e/ou **morfossintática** no seu comportamento, tais como:

(i) apresenta redução do número de argumentos subcategorizados por ele:

(23) a. Ele **pegou** no sono. (subcategoriza apenas um argumento – externo)  
b. Aí **pegou** e choveu. (não subcategoriza argumentos)

(ii) não há restrições quanto à seleção do SN argumento externo; o SN sujeito começa a apresentar traços [-animado], [-volição], [-agentividade]:

(24) a. O carro **pegou** o menino.

(iv) a transferência da ação pode não ser efetivada totalmente sobre o SN objeto:

(25) “Alô, Eduardo! Bom que **peguei** você em casa”.

(v) o SN objeto começa a apresentar traços não individualizados, como ser comum, inanimado e/ou abstrato:

(26) “Bem que o doutor quando **pegou** a febre e estava variando disse (...)”

Entretanto, não é possível definir categoricamente em qual estágio do processo de gramaticalização o verbo PEGAR se encontra, haja vista os comportamentos sintáticos diferentes apresentados por ele quando empregado com valores semânticos variados. O fato é que, na análise das acepções com

traços de baixa transitividade, o verbo realmente parece estar numa fase mais adiantada de gramaticalização, apresentando sentidos cada vez mais abstratos. Em relação a essas propriedades **sintáticas** e **semânticas**, Martelotta, Votre e Cazario (1996, p. 52) dizem que “os resultados do processo de gramaticalização tendem a constituir noções mais abstratas (...). Do ponto de vista formal, a tendência é esses resultados constituírem elementos mais presos, ou de características mais restritas, como auxiliares, morfemas e clíticos”. Em outras palavras, como auxiliar, o verbo é esvaziado de valor semântico, sendo responsável por carregar apenas noções flexionais (tempo, modo e pessoa). O fato de PEGAR apresentar sentidos cada vez mais abstratos e, em construções do tipo “peguei e falei”, ele constituir o V1 que forma uma unidade semântica com V2 e não subcategorizar argumentos são fortes evidências a favor de sua gramaticalização.

Essa capacidade apresentada por PEGAR nos dados é que licencia o seu funcionamento com características de verbo auxiliar nas construções do tipo “peguei e falei”. No entanto, tais construções aproximam-se, aparentemente, das estruturas coordenadas, nas quais cada verbo representa eventos distintos e carrega valores semânticos individuais. Na seção seguinte, analisamos as semelhanças e/ou diferenças entre perífrases e coordenação.

## 2.2 “Peguei e falei” – Perífrase ou coordenação?

Construções do tipo “Peguei e falei” aproximam-se, estruturalmente, daquelas chamadas, na tradição gramatical, de orações coordenadas, conforme exemplificamos abaixo:

(27) “(...) Aí ela **PEGÔ e falô** pra mim assim (...)” (*Corpus de Fala de Matipó*)

(28) “(...) eu fui **peguei** (o lápis) **e joguei** o lápis no chão (...)” (*Corpus de Fala de Matipó*)

Tanto (27) como (28) apresentam os dois verbos do período com flexão modo-temporal e número pessoal. Além disso, os verbos aparecem ligados pelo conectivo “e”. No entanto, elas apresentam diferenças cruciais, como podemos ver no quadro a seguir:

**QUADRO 2**  
**Distinções entre construção perifrástica e coordenação**  
**[Adaptada de Rodrigues (2004)]**

	Construção perifrástica Exemplo (28)	Coordenação Exemplo (29)
1.	V1 e V2 não apresentam dois eventos diferentes: Ex.: “(...) Aí ela [ <b>PEGÔ e falou</b> ] pra mim assim (...)”	V1 e V2 apresentam dois eventos diferentes: Ex.: “(...) eu fui [ <b>peguei</b> (o lápis)] [ <b>e joguei</b> o lápis] no chão (...)”
2.	V1 e V2 sempre compartilham o mesmo sujeito: Ex.: Aí <u>ela</u> <b>pegou</b> e (ela) <b>falou</b> pra mim assim.	V1 e V2 nem sempre compartilham o mesmo sujeito: Ex.: <u>Eu</u> <b>peguei</b> o livro e <u>ela</u> <b>jogou</b> o lápis no chão.
3.	V1 e V2 sempre compartilham a mesma flexão modo-temporal e número-pessoal: Ex.: Aí ela <b>pegou</b> (3ª sing., pret. perf. indic.) e <b>falou</b> (3ª sing., pret. perf. indic.)	V1 e V2 não precisam compartilhar a mesma flexão: Ex.: <b>Peguei</b> (1ª sing., pret. perf. indic.) o livro e <b>jogaráo</b> (3ª pl., fut. pres. indic.) o lápis no chão.
4.	O advérbio de negação costuma preceder o V2 e ter escopo somente sobre ele: Ex.: Aí ela <b>pegô</b> e <b>NÃO falou</b> pra mim assim.	V1 e V2 podem ser negados separadamente ou não: Ex.: <b>NÃO peguei</b> o livro e <b>NÃO jogamos</b> os lápis no chão.
5.	A ordem é fixa: Ex.: Aí ela <b>pegô e falou</b> . / *Aí ela <b>falô e pegô</b> .	Há um grau de liberdade sintática: Ex.: Ela <b>falou e pegou</b> o lápis do chão.
6.	V1 nunca pode ser alvo de interrogação: Ex.: *Aí ela <b>pegou</b> mesmo? / Aí ela <b>falou</b> mesmo?	V1 e V2 podem ser interrogados isoladamente ou juntos: Ex.: Eu <b>peguei</b> o livro e <b>joguei</b> no chão? Eu <b>peguei</b> o livro? Eu <b>joguei</b> o livro no chão?
7.	“Pegar” não subcategoriza objeto direto: Ex.: *Aí ela <b>pegou (o livro) e falou</b> .	“Pegar” pode subcategorizar objeto direto: Ex.: Aí ela <b>pegou (o livro) e falou</b> .
8.	O conectivo “e” não apresenta qualquer valor semântico: Ex.: Aí ela [ <b>pegou e falou</b> ].	O conectivo “e” denota valor semântico (adição, oposição, etc.): Ex.: Aí ela <b>pegou</b> o livro e não <b>falou</b> nada. (oposição) / Aí ela <b>pegou</b> o livro e o guardou. (adição); etc.

Apesar de as duas construções serem estruturalmente parecidas, as diferenças apresentadas entre elas são mais significativas. Outra informação relevante a acrescentar é que construções do tipo em análise remontam à Antiguidade. De acordo com Coseriu (1977), o centro de difusão dessas perífrases, chamadas de perífrases “paratáticas”,<sup>7</sup> foi o grego antigo.<sup>8</sup> Segundo ele, essas perífrases são o resultado da reestruturação formal de uma construção



grega constituída de verbo auxiliar no particípio passado + verbo principal flexionado. Construções perifrásticas com essas características são encontradas em outras línguas românicas – exceto o francês – e em várias línguas germânicas, eslavas, bálticas, em grego moderno, em albanês, em línguas ugrofínicas e em certos dialetos ciganos. Nessas línguas, além de perífrases formadas com PEGAR (auxiliar), há outras formadas com os verbos *ir*, *saltar*, *vir*, *chegar*, *andar* e outras do tipo de *pôr-se*.

Diante das distinções apresentadas em relação às construções perifrásticas e à coordenação, e, ainda, diante do fato de haver evidência de “locuções verbais” em outras línguas semelhantes à construção analisada, fica firmado o estatuto de *Peguei e falei* como perífrase verbal e não como orações independentes constituindo uma estrutura coordenada. Segundo Tavares (2008, p. 333), construções desse tipo devem, sim, ser consideradas “perífrases”, as quais surgiram do processo de gramaticalização por que passou o verbo PEGAR, partindo de usos lexicais e significados concretos ligados ao deslocamento que resulta em alteração na localização espacial de um objeto. Essa é a previsão que fizemos na sessão precedente.

Na próxima seção, os dados contendo perífrases com o verbo PEGAR serão submetidos à análise.

### **3. Da perífrase verbal [Pegar + (e) + V2]**

Esta seção é dividida em duas subseções, sendo a primeira (3.1) reservada à análise das perífrases encontradas nos *corpora* investigados; e, na segunda (3.2), verificamos o estatuto do verbo PEGAR nessas perífrases.

#### **3.1 Análise dos dados**

No total de 47 ocorrências do verbo PEGAR em construções perifrásticas nos dados analisados, apenas 5 pertencem à modalidade escrita, conforme é possível verificar pela tabela a seguir.

TABELA 5  
 Frequência do verbo PEGAR simples e em construções perifrásticas  
 nos dados de língua escrita

Ocor. de PEGAR	Lexical simples	Perc.	Perífrase V1+(e)+V2 Finito	Perífrase V1+V2 Finito	Perífrase V1+a+V2 Infinito	Perc.
154	149	96,8%	00	00	05	3,2%

Apenas o tipo [PEGAR + a + V2] ocorreu nos dados de língua escrita, representando 3,2% do total de 154 ocorrências com o verbo PEGAR.

O dado em (29) exemplifica o único tipo de perífrase encontrado nessa modalidade da língua:

- (29) “Um dia, tomou o caminho, entrou na boca aberta do Pará e **pegou a subir**.” (“*Sarapalha*”)

O verbo PEGAR neste tipo de construção denota a acepção semântica de “iniciar”. Neste ponto, houve uma dúvida quanto a considerar “pegou a subir” como uma perífrase, e não como uma construção coordenada, já que o verbo no infinitivo poderia ser complemento do V1. Entretanto, fazendo comparações com outras construções [V1+a+V2] e apoiando-nos em Travaglia *et al.* (2006), chegamos à conclusão de que “pegou a subir” pode, sim, preencher as condições para a figuração de uma perífrase. Em estudo sobre a gramaticalização do verbo “começar”, Travaglia *et al.* (2006) comenta que “quando entre os dois verbos há uma preposição e esta é responsável ou distinguidora de um valor, uso ou função, não se deve considerá-la como uma intercalação, pois neste caso a preposição faria parte do ‘auxiliar’. Neste sentido, a preposição presente na construção analisada, porque também não denota valor semântico, pode ser vista como inerente a V1. Além disso, o único argumento apresentado em (29) foi selecionado pelo verbo lexical “subir”. “Pegar” não seleciona nenhum argumento, e “o fato de o verbo em gramaticalização não ser responsável por qualquer argumento na sequência linguística é um sinal de grau bastante avançado de gramaticalização em que o verbo já perdeu suas características sintáticas de verbo pleno” (TRAVAGLIA *et al.*, 2006, p. 523). Isso posto, “pegar”, em (29), é um verbo auxiliar, responsável por carregar as flexões número-pessoal e modo-temporal do evento. Outro detalhe a destacar diz respeito ao valor aspectual de “pegar”. Especificamente nesse contexto, “pegar” indica o início da ação do verbo principal, o que lhe confere a capacidade de expressar propriedades típicas do

aspecto inceptivo/incoativo. Construções do tipo em (29) assemelham-se, estruturalmente, às perífrases prototípicas encontradas, principalmente, no português europeu, como “Estou a falar” (“Estou falando”, no português brasileiro).

Por outro lado, o que os dados de língua oral nos revelam é que é nessa modalidade que as construções perifrásticas se fazem mais presentes – 42 ocorrências num total geral de 47, correspondendo, agora, a 31,3% do total de 134 ocorrências com o verbo PEGAR (TAB. 6):

TABELA 6  
Frequência do verbo PEGAR simples e em construções perifrásticas nos dados de língua oral

Ocor. de PEGAR	Lexical simples	Perc.	Perífrase V1+e+V2 Finito	Perífrase V1+V2 Finito	Perífrase V1+V2 Infinito	Perc.
134	92	68,7%	35	02	05	31,3%

Além de uma diferença de frequência com relação aos dados de língua escrita, os tipos de perífrases encontrados também são diversificados, como exemplificamos a seguir:

- (30) “Êa **pegô e olhô** pra mim e falô comigo assim...” (*Corpus* de Fala de Matipó)
- (31) “Aí a Carminha **pegô falô** comigo assim...” (*Corpus* de Fala de Matipó)
- (32) “Foi ino que eu **peguei andá**... num gostava disso não...” (*Corpus* de Fala de Matipó)

No dado em (30), que apresenta a formação [PEGAR + e + V2], apesar da aparente semelhança com construções coordenadas, ela, de fato, funciona como perífrase. Motivações para essa dúvida vêm do fato de os dois verbos carregarem as flexões de número e pessoa e serem ligados por um conectivo. Todavia, há apenas um evento envolvido e o verbo PEGAR não apresenta traços de transitividade. Evidências para considerar tais construções como perífrases, e não estruturas transitivas, já foram apresentadas na seção antecedente. Quanto ao conectivo “e”, uma vez que não denota valor semântico, conjecturamos que ele, semelhantemente ao que ocorre com a preposição “a” no dado em (29), também faça parte de PEGAR – [(...pegô e) falou] –, o que reforça a nossa postura de assumir tal construção como perifrástica.

Além disso, o verbo PEGAR, como V1 da perífrase em (30), contém características aspectuais. Para Wachowicz (2006, p.2), “a categoria de aspecto também entra no rol de propriedades do auxiliar. Essa propriedade é lexical e justifica-se pelo fenômeno da ‘persistência’ semântica da gramaticalização”. Com respeito ao aspecto do verbo PEGAR nas perífrases do tipo em análise, Merlan (1999; *apud* TAVARES, 2008, p.334) afirma que este é um aspectual inceptivo, porque exprime o início imediato da ação, a qual é concretizada pelo verbo principal. Contrariamente a essa visão, Tavares (2009, p. 47) argumenta que “PEGAR codifica (...) o aspecto global, (...) por apresentar o evento denotado por um segundo verbo como súbito, inesperado, pontual”, relacionando com um subtipo do global, o “perfectivo”. Isso justifica o fato de PEGAR, na perífrase, poder ser considerado como um realçador ou enfatizador do evento codificado pelo verbo principal, como afirmam Dutra (2003) e Rodrigues (2004). A nossa proposta alinha-se a essa última posição assumida em relação ao aspecto de PEGAR na perífrase [PEGAR + e + V2].

Em (31), repetido aqui como (33), temos a perífrase do tipo [PEGAR+V2]:

(33) “Aí a Carminha **pegô falô** comigo assim...” (*Corpus* de Fala de Matipó)

Em relação ao verbo PEGAR, nessa construção, ele apresenta as mesmas características já delineadas na análise da perífrase em (30). O que distingue as duas construções perifrásticas é que, em (31), não há a presença do conectivo “e”. Se a nossa postura estiver correta de que “e” faz parte de PEGAR, o seu não aparecimento pode estar correlacionado a algum efeito fonológico que ocorre principalmente na fala, cuja tendência é reduzir e/ou apagar sons fracos. Uma análise de natureza prosódica seria relevante para atestar essa hipótese, porém não entraremos no mérito dessa discussão, haja vista não ser esse um dos objetivos arrolados para este trabalho.

O terceiro tipo de perífrase verificado contém a estrutura [PEGAR + V2 infinitivo], reproduzido a seguir como (34):

(34) “Foi ino que eu **peguei andá**... num gostava disso não...” (*Corpus* de Fala de Matipó)

Nessa estrutura, entre V1 e V2 não há nenhum material interveniente, nem mesmo uma preposição, que é comum nesse tipo de perífrase, conforme visto nos dados de língua escrita, representado em (30). Se assumimos que a preposição é inerente ao auxiliar, e não configura valor semântico, a sua não

ocorrência na perífrase é previsível, conforme posto anteriormente, na análise envolvendo o conectivo “e”.

O valor aspectual de PEGAR, nesse tipo de construção em análise, é de iterativo/frequentativo. Em (34), a perífrase “peguei andá” pressupõe que a ação de “andar” se repete.

Além dos tipos perifrásticos demonstrados, outra ocorrência com PEGAR nos chamou à atenção:

- (35) “**Pegamos em nós e fomos** para a Europa, não passear, nem ver nada, novo nem velho; paramos na Suíça.” (*Dom Casmurro*, p. 100)

Pensamos que, de uma construção como essa é que “pode” ter evoluído para a expressão “Nós pegamos e fomos”, num processo de reanálise que seria, mais ou menos, o que segue: [**Pegamos em nós e fomos...** > **Pegamos nós e fomos...** > **Nós pegamos e fomos**]. Essa foi uma hipótese que aventamos. Um estudo de natureza diacrônica seria interessante, num trabalho posterior, a fim de confirmar e/ou refutar tal ideia.

Na próxima subseção, discutimos o estatuto sintático de PEGAR nas construções perifrásticas.

### 3.2 Do Estatuto Sintático de PEGAR nas perífrases

Consoante a investigação realizada nas subseções 2.1 e 2.2, quando da análise da transitividade de PEGAR, constatamos que este verbo perfaz o caminho da gramaticalização, não sendo tranquilo precisar em qual dos estágios deste processo ele se encontra. Como foi possível também verificar, durante a gramaticalização, o verbo PEGAR sofre alterações não apenas de ordem **semântica**, mas também **morfossintática**. Logo, faz-se necessário averiguar como, **sintaticamente**, PEGAR evolui para um verbo com características de auxiliar. Não obstante, o fato de um verbo poder figurar em construções perifrásticas se converte em forte indício para delimitar o seu nível de gramaticalização. Por isso, nesta subseção, analisaremos o verbo PEGAR nas construções perifrásticas em que ele ocorre, mediante os parâmetros postulados por Heine (1993), quais sejam *dessemantização*, *deategorialização*, *cliticização* e *erosão*, reproduzidos na subseção 1.2, figura 1. Na descrição dos dados para aferir a mudança sintática que se deu com esse verbo, faremos uso dos pressupostos da teoria gerativa. Segundo Roberts e Roussou (2003, p. 35), na perspectiva de

mudança sintática, a “gramaticalização envolve reanálise de categorias funcionais. (...) Um item lexical ou uma classe de itens lexicais é reanalisado como funcional (...). Mais precisamente, assumindo uma hierarquia universal de núcleos funcionais (...), a mudança envolve a realização visível destes núcleos”.<sup>9</sup> Dessa maneira, o que se espera é que, em processo de gramaticalização mais avançado, o verbo PEGAR passe a preencher uma categoria funcional.

Para Heine (1993, p.54-56), há sete possíveis correlações que podem ser estabelecidas entre os parâmetros e os estágios na cadeia que envolve o processo de gramaticalização de um verbo pleno a um verbo auxiliar, como arroladas na sequência:

- **Estágio A** – (i) o sujeito é tipicamente humano, o verbo expressa um conceito lexical e o complemento é um objeto concreto ou locativo; (ii) o verbo exhibe uma morfossintaxe verbal completa e seu complemento tem um sintagma nominal ou adverbial como núcleo; (iii) o verbo forma uma palavra independente e, em conjunto com seu complemento, são constituintes claramente distintos, podendo ser negados ou carregar flexão de tempo separadamente; (iv) o verbo tem sua forma fonológica completa.
- **Estágio B** – o complemento passa a expressar uma situação dinâmica.
- **Estágio C** – (i) o sujeito não está tão associado com referentes humanos e o verbo adquire uma função gramatical; (ii) em vez de um nome, o núcleo do complemento consiste de um verbo nominalizado/não finito.
- **Estágio D** – o verbo perde propriedades verbais, tais como a habilidade de ser nominalizado, de formar imperativo, de passivizar, e pode não ter mais um nome como núcleo do complemento.
- **Estágio E** – (i) o verbo perde propriedades verbais adicionais, tais como sua habilidade de ser negado separadamente e de ocorrer em outra posição na frase, e o complemento perde em propriedades nominais (e adverbiais) como sua morfologia de nominalização e/ou adverbial; (ii) o verbo perde seu estatuto de palavra separada e se desenvolve em um clítico, formando, com seu complemento, um “sintagma simples” que permite apenas uma expressão de tempo, negação, passivização, etc.; (iii) a substância fonológica do verbo tende a ser erodida.

- **Estágio F** – O verbo perde praticamente todas as propriedades verbais remanescentes, e o complemento adquire a morfossintaxe de um verbo principal, embora ele possa conservar alguns resquícios de morfologia nominal e/ou adverbial.
- **Estágio G** – (i) o verbo se desenvolve em um afixo e se junta a seu complemento, formando uma única palavra; (ii) o verbo perde sua habilidade de carregar tons ou força distintivos.

Os dados com o verbo PEGAR serão submetidos ao exame, a partir de agora, com o objetivo de verificar o seu estatuto sintático nas perífrases.

Enquanto verbo lexical prototípico, PEGAR encontra-se no 1º estágio de gramaticalização de Heine. Podemos verificar seu comportamento sintático a partir do dado em (36) e das características que o definem como um verbo pleno:

(36) “Escobar **pegou** o papel, passou-o pelos olhos a fim de o decorar.”  
(*Dom Casmurro*, p. 71)

Em (36), PEGAR seleciona categórica e semanticamente dois argumentos – um externo, tipicamente humano (Escobar); um interno – um DP tipicamente concreto (o papel). Apresenta forma fonológica e morfologia verbal completas, sendo uma palavra independente. PEGAR e seu complemento são constituintes claramente distintos. A configuração em (37) descreve o comportamento sintático de PEGAR enquanto verbo lexical prototípico:

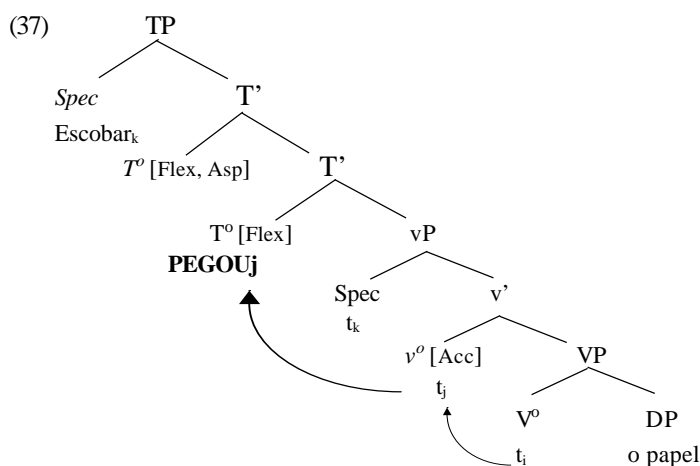


FIGURA 2

Em (37), PEGAR, como verbo lexical, é juntado na posição de V<sup>o</sup> (núcleo lexical); na sequência, move-se para v<sup>o</sup>. Nessa posição, porque carrega um traço de Caso acusativo, entra numa relação de valoração com o traço de Caso do seu argumento interno. Por fim, move-se para o núcleo funcional T<sup>o</sup>, onde valora seus traços flexionais.

Já o verbo PEGAR com acepções diferentes de “segurar” apresenta modificações semânticas e morfossintáticas. No sentido de “fixar-se”, que é um dos menos prototípicos (remetemos o leitor à tabela 1), ele se encontra no estágio 2 de gramaticalização. O dado em (38) exemplifica o verbo neste nível:

- (38) “O apelido **pegou**, pegou de tal maneira que até nós, Jorge e eu, passamos a chamá-lo de Mané Pato e Mané Pato ficou sendo até o último dia de sua vida.” (*O Mistério da Casa Verde*)

Neste contexto, PEGAR não exibe a capacidade de selecionar mais que um argumento, interno (o apelido), **abstrato**. Entretanto, mantém algumas características de verbo **lexical**, como o fato de ser responsável pelo papel temático de seu único argumento. Observemos a estrutura abaixo:

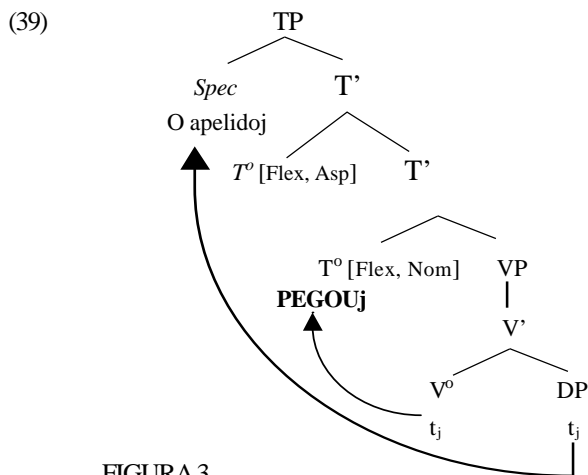


FIGURA 3

Na estrutura em (39), PEGAR origina-se na posição de núcleo de VP e se move para o núcleo de TP para valoração de traços de flexão. Com essa acepção, funciona como verbo inacusativo, isto é, não possui o traço de Caso acusativo (cf. ADGER, 2003, p. 223), e o seu único argumento tem de se mover



para a posição de Spec-TP para valorar seu traço de Caso. A possibilidade de PEGAR poder figurar em construções desse tipo (inacusativas) demonstra mudança significativa de sentido prototípico. É válido ressaltar que o fato de estar representado numa estrutura inacusativa não significa que “toda inacusativa” seja representativa de um processo de gramaticalização. Todavia, com o verbo PEGAR na acepção de *fixar-se*, houve essa alteração na seleção dos argumentos, uma vez que seleciona apenas um argumento, e não agente (diferentemente de PEGAR prototípico). Isso, sim, é evidência de gramaticalização em curso.

Já nas construções perifrásticas, PEGAR encontra-se no estágio C. Vejamos alguns dados:

(40) “Ele **pegô e... pediu** uma moto emprestada...” (*Corpus* de Fala de Matipó)

(41) “Aí a Carminha **pegô falô** isso...” (*Corpus* de Fala de Matipó)

(42) “... Aí eu **peguei a criá...**” (*Corpus* de Fala de Matipó)

(43) Foi ino que eu **peguei andá...** num gostava disso não...” (*Corpus* de Fala de Matipó)

Nas perífrases acima, PEGAR apresenta certas características próprias de auxiliares, tais como (i) a **impossibilidade de selecionar argumentos**, função que é atribuída ao verbo com o qual ele coocorre; (ii) passa a expressar uma função **aspectual** (conforme análise na seção 3.1), formando com V2 uma unidade semântica, não denotando significado verbal independente (lexical).

Conforme é possível notar nos dados em (40) e (41), há ainda marca de flexão número-pessoal e modo-temporal sobre o verbo lexical. Isso se deve ao fato de o verbo PEGAR ainda não ser um auxiliar prototípico. Comportamento semelhante foi apresentado por outros verbos no percurso da gramaticalização de verbo pleno a verbo auxiliar. Almeida (2006, p.47) diz que “enquanto a reanálise de *ter* e *haver* não havia ocorrido, os participios possuíam natureza transitiva, concordando com traços gramaticais do SN, como nos exemplos:

(44) ‘E sse o filhamos de nos por **os malles** que fazemos, ou **avemos feitos**’.  
[LC, 23, 284]

(45) ‘[**as ditas pippas de uino** que elles **tinhao**] **arbitradas** para cada humano’.  
[CV, 6, 92, 10]”

Segundo Heine (1993), verbos no estágio C são reconhecidos como quase-auxiliares ou semiauxiliares, figurando, sintaticamente, como na configuração arbórea em (46):

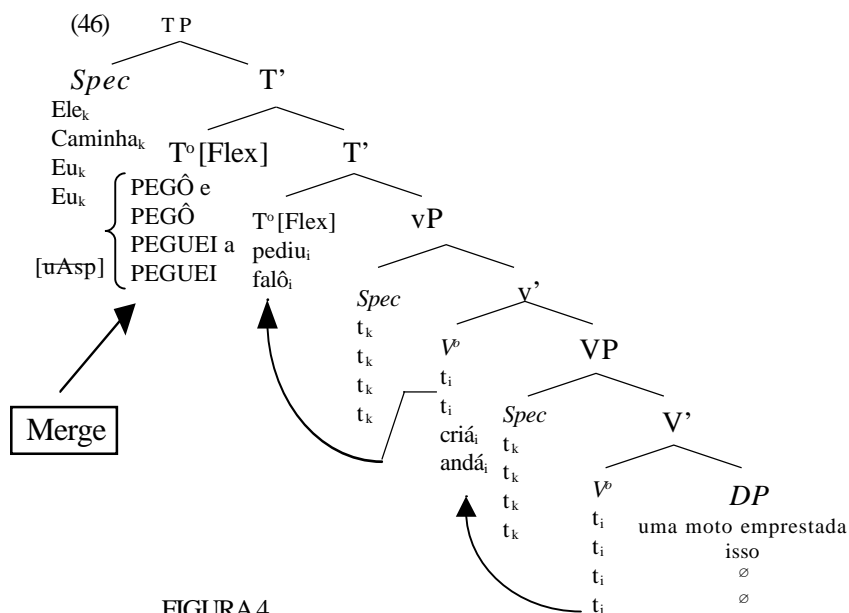


FIGURA 4

Conforme pode ser observado na configuração sintática acima, PEGAR possui um traço ininterpretável de **aspecto** e, por isso, é juntado diretamente na posição funcional de TP, no núcleo T° mais alto, que contém um traço de aspecto interpretável. Nessa posição, há valoração do traço aspectual e também dos traços flexionais. Por outro lado, o verbo lexical que mantém traços ininterpretáveis de flexão move-se de V° para v° e, daí, para o primeiro núcleo T° para valorar esses traços. Já os lexicais no infinitivo permanecem na posição de v°.

O fato de o verbo PEGAR ser juntado diretamente no núcleo T° mais alto é uma evidência bastante robusta de sua quase auxiliaridade, perpassando para o próximo nível (estágio D) no *continuum* da gramaticalização. De acordo com Roberts e Roussou (2003, p.71), “mudanças do tipo da gramaticalização seguem um ‘caminho’. Esse ‘caminho’ é estruturalmente definido, amplamente seguindo a hierarquia de categorias funcionais de Cinque (1999). Além disso, o caminho é percorrido pela perda de passos de movimento de núcleo, levando a mudanças de *Move* a *Merge*.”<sup>10</sup>

Após a descrição e a análise dos dados nesta subseção, foi possível verificar o estatuto de PEGAR nas perífrases formadas com ele e em que estágio ele possivelmente se encontra, conforme figura subsequente:<sup>11</sup>

DADOS DE GRAMATICALIZAÇÃO												
A	→	B	→	C	→	D	→	E	→	F	→	G
PEGAR		PEGAR		PEGAR		?		?		?		?
<sup>1</sup> protot.		<sup>2</sup> não-prot.		<sup>3</sup> semi-aux.		Auxiliares		Auxiliares		Clítico		Afixo

1 - prototípico / 2 - não prototípico / 3 - semiauxiliares

FIGURA 5 - Resultado da análise do estatuto sintático de PEGAR consoante os estágios de gramaticalização de Heine (1993)

Vale ressaltar que esta é uma conjectura, uma vez que, no processo de inovação linguística, apesar de termos buscado apoio teórico e empírico, não é fácil delimitar exatamente em que estágio o item se encontra, pois este pode apresentar traços de um próximo estágio, mas ainda conservar traços de um estágio anterior. Da mesma forma, não é trivial dizer se uma forma poderá alcançar outro(s) nível(is).

#### 4 Considerações preliminares

Iniciamos este trabalho com a hipótese de que PEGAR estaria perpassando por um processo de gramaticalização, haja vista as diferentes construções em que ele ocorre, explicitamente com um sentido distinto do prototípico “segurar”. Após efetuadas as análises, encontramos subsídios bastante robustos para assumir que, de fato, PEGAR perfaz o caminho da gramaticalização.

A partir das diversas acepções de PEGAR lexical simples encontradas nos *corpora*, aplicamos o teste da transitividade proposto por Hopper e Thompson (1980) e constatamos que, em determinadas construções, o verbo apresenta menos traços de transitividade, com sentidos cada vez mais abstratos, demonstrando uma tendência a gramaticalizar-se.

Como o nosso objeto de estudo é o comportamento deste verbo nas construções formadas por [PEGAR + (E) + V2], e por ser essa construção estruturalmente semelhante às orações coordenadas, discutimos as diferenças e semelhanças existentes entre elas e concluímos que a construção em análise trata-se de uma perífrase. Figurando nas perífrases, PEGAR perde em traços semânticos e morfossintáticos, mas, por outro lado, adquire valores aspectuais, como: inceptivo/incoativo, pontual/perfectivo e iterativo/frequentativo.

Utilizando de estratégias de descrição da teoria gerativa e dos parâmetros postulados por Heine (1993) para a análise da gramaticalização de verbos plenos a auxiliares, observamos que PEGAR, com acepções diversificadas, encontra-se no estágio B do processo, que ainda condiz com a categoria de verbos lexicais plenos. A partir do estágio C é que a forma verbal inicia um processo de decategorialização, funcionando como semiauxiliar. As características previstas para os verbos neste estágio correspondem àquelas exibidas por PEGAR nas perífrases, o que nos autoriza a assumir que o estatuto sintático de PEGAR nas construções [PEGAR + (E) + V2] é de verbo semiauxiliar ou quase-auxiliar.

Sem sombra de dúvidas, algumas questões ainda permanecem em aberto. Apenas um estudo que abarque a utilização de maior quantidade de dados poderá oferecer respostas mais substanciais. Chegar a resultados conclusivos num estudo com as dimensões deste artigo nem sempre é possível. O que se consegue, de fato, não raro, é descobrir nuances diversificadas do fenômeno abordado. Por isso, nessas considerações, não apresentamos um “produto final” da investigação, mas, ao contrário, explicitamos, sinteticamente, as reflexões realizadas ao longo da análise e que, espera-se, possam servir de “ponto de partida” para investigações futuras.

## Notas

<sup>1</sup> Tradução nossa. No original: “*Grammaticalization is the study of grammatical forms, however defined, viewed as entities undergoing processes rather than as static objects*” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 18).

<sup>2</sup> Tradução nossa. No original: “*a process whereby in specific contexts a lexical item is emptied of its lexical semantics and acquires a grammatical function*” (p. 54).

<sup>3</sup> Tradução nossa. No original: “*Forms (...) tend to lose or neutralize the morphological markers and syntactic privileges characteristic of the full categories*” (p. 54).

<sup>4</sup> Tradução nossa. No original: “*Transitivity is a crucial relationship in language, having a number of universally predictable consequences in grammar (...)*” (HOPPER; THOMPSON, 1980, p. 251).

<sup>5</sup> Evidências para considerar o dado com o verbo PEGAR como locução verbal serão apresentadas na seção subsequente.

<sup>6</sup> Dado de fala retirado do *corpus* de Matipó (MG).

<sup>7</sup> Para Merlan (1999), “entre as estruturas verbais que servem para a expressão da categoria ‘aspecto’ nas línguas românicas são assinaladas em vários trabalhos consagrados ao assunto as chamadas *perífrases paratáticas*, compostas por dois verbos flexionados no mesmo modo, tempo, número e pessoa, em relação copulativa, dos quais apenas o segundo conserva integralmente o semantismo.”

<sup>8</sup> Remetemos o leitor a COSERIU, Eugenio – “*Tomo y me voy*”. *Un problema de sintaxis comparada europea*, in vol. *Estudios de Linguística Románica*. Madrid: Editorial Gredos, 1977. p. 79-152.

<sup>9</sup> Tradução nossa. No original: “(...) *grammaticalization involves reanalysis of functional categories. (...) a lexical item or class of lexical items is reanalyzed as functional (...) More precisely, assuming a universal hierarchy of functional heads, (...), the change involves the overt realization of these heads* (ROBERTS, I.; ROUSSOU, A., 2003, p.35).

<sup>10</sup> Tradução nossa. No original: “(...) *grammaticalization-type changes follow a ‘path’*. *This ‘path’ is structurally defined, broadly following the Cinque (1999) hierarchy of functional categories. Moreover, the path is traversed by loss of steps of head movement, leading to changes from Move to Merge.*” (ROBERTS, I.; ROUSSOU, A., 2003, p. 71).

<sup>11</sup> Na figura (2), as interrogações indicam a não obrigatoriedade de uma forma perpassar por demais estágios.

## Referências

- ADGER, David. *Core Syntax: a minimalist approach*. New York: Oxford University Press, 2003.
- ALCÂNTARA, Rebeca Cerqueira Andrade. *Transitividade e gramaticalização do verbo pegar em dados de língua falada*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, UFBA, Salvador, 2009.
- ALMEIDA, Erica Sousa de. *A formação de perífrases verbais no português: um processo diacrônico*. 2006. 202 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006. Mimeo.
- CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and the Universal Hierarchy of Functional Projection*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- COSERIU, Eugenio. “*Tomo y me voy*”. *Un problema de sintaxis comparada europea*. *Revista Estudios de Linguística Románica*. Madrid: Editorial Gredos, 1977.
- DUTRA, Rosália. *O falante dramático: introdução à prática de estudo e ensino de português*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

- HEINE, Bernd. *Auxiliares cognitive forces and grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.
- HOPPER, Paul J.; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980.
- HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CAZARIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MERLAN, Aurélia. Sobre as chamadas “Perífrases Verbais Paratáticas” do tipo PEGAR E + V2 nas línguas românicas (com referência especial ao português e romeno. *Revista Línguas e Literaturas*, Porto: Faculdade de Letras, v. XVI, 1999.
- MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. *Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 1999.
- ROBERTS, Ian.; ROUSSOU, Anna. *Syntactic Change: A Minimalist Approach to Grammaticalization*. New York: Cambridge University Press, 2003.
- RODRIGUES, Angélica T. C. “Eu peguei e saí”: uma construção nos limites da coordenação. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos de Juiz de Fora*, v. 1, n. 2, p. 29-40, jan./dez., 2004.
- SIGILIANO, Natália Sathler. A mudança semântica do verbo pegar frente à conexão de cláusula. In: I SIMPÓSIO MUNDIAL DE LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo, 2008.
- TAVARES, Maria Alice. Perífrases [V1(e) V2] em gêneros escritos: propostas para um ensino de gramática baseado no texto. *Linguagem e Ensino*, v. 11, n. 2, 2008.
- TAVARES, Maria Alice. “Eu pego e estudo pra prova”: verbo auxiliar? In: *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*, 2009.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos; BERTOLDO, Ernesto Sérgio; MUSSALIM, Fernanda; ROCHA, Maura Alves de Freitas; ARAÚJO, Maurício Viana de (Org.). *Linguística: caminhos e descaminhos em perspectiva*. Uberlândia: EDUFU / Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2006. v. 1. 551 p.
- VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.
- WACHOWICZ, Teresa Cristina. O Aspecto do Auxiliar. *Revista de Estudos Linguísticos*. Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 55-75, jul./dez. 2006.